

A verdade do ser e o simbolismo da cruz na individuação em Edith Stein

The truth of being and cross symbolism in the individuation in Edith Stein

Ocir de Paula Andreata*

Resumo

A individuação é o tema central da ontologia que abrange toda a história da formação do pensamento ocidental, desde a filosofia clássica, que tem relação com a constituição do indivíduo e de sua individualidade e chega ao Séc. XX renovada pela via da fenomenologia, e em especial como uma reflexão ontológica da pensadora Edith Stein. Diz respeito ao processo de desenvolvimento da pessoa, no tempo e espaço histórico enquanto processo de tornar-se si-mesmo. Em Edith Stein, o processo de individuação, como passagem de uma essência que se atualiza no contínuo ato existencial da vida no mundo, e é vivido na própria experiência pessoal de vida da autora, tornando-se um exemplo de transcendência, verdade do ser e de sentido da vida, cujo simbolismo é a cruz. A proposta deste ensaio é refletir sobre a experiência interior e a vida pessoal da própria pensadora como um exemplo de individuação. O método a ser utilizado no estudo é o de análise qualitativa do conceito em textos da referida autora, em sua experiência e em diálogo com outros pensadores sobre o tema. A reflexão no texto será apresentada do seguinte modo: 1) A individuação como verdade do ser; 2) Síntese epistemológica do conceito de individuação; 3) A experiência de individuação de Edith Stein; 4) O simbolismo da cruz no processo de individuação. Como resultado, espera-se poder apresentar uma síntese dos conceitos e demonstrá-lo na experiência pessoal da autora.

Palavras-chave: Individuação. Verdade do ser. Simbolismo.

Abstract

The individuation is the central theme of ontology, which range the whole history of western thought formation since the classical philosophy, what is related to the individual constitution and its individuality, and comes to the 20th century renewed through phenomenology, especially as an ontological reflection of the thinker Edith Stein. This concerns the development process of the person, in historical time and space, as a process of become oneself. In Edith Stein, the individuation process, as a passage of an essence that update itself in continuous existential act of life in the world and it's lived in the author's own personal life experience, becoming an example of transcendence, the truth of being and the meaning of life, whose symbolism is the

* Possui Doutorado em Teologia pela PUCPR, Mestrado em Filosofia, formação em Teologia e Psicologia; possui Especialização em Sexualidade Humana; é Professor universitário e pesquisador sobre o tema da Individuação no Grupo de Pesquisa: Teologia, Gênero e Educação, na PUCPR; Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Sexualidade Humana: educação e terapia, da Universidade Positivo. Contato: ocirandreat@gmail.com.

cross. The purpose of this essay is reflect upon the own inner experience and personal life of the thinker as an individuation example. The method to be used on the study is the qualitative analysis of the concept in texts of the above-mentioned author, in hers experience and in dialogue with another thinkers about the theme. The reflection in the text will be presented as follows: 1) The individuation as truth of being; 2) Epistemological synthesis of the concept of individuation; 3) The individuation experience of Edith Stein; 4) The symbolism of the cross in the individuation process. As a result, it's expected to be able to present a synthesis of the concepts and to show it in the author's personal experience.

Keywords: *Individuation. Truth of being. Symbolism.*

Introdução

A individuação é o processo do devir do ser do sujeito humano, seu vir-a-ser no mundo da vida, que abrange a unidade do processo de desenvolvimento e estruturação da pessoa, num todo integrado das dimensões que o compõem como corpo, alma e espírito e cujo processo inexoravelmente encaminha seu ser para a consecução de seu fim e a realização de si mesmo. Este percurso inclui também a experiência religiosa, que acontece seja a partir de que tradição for conforme a espiritualidade própria da interioridade de cada sujeito humano.

A interioridade é a experiência de desenvolvimento da consciência de si, que de uma forma ou de outra se torna na própria espiritualidade do sujeito, em sua individualidade e também na sua experiência de coletividade, o que implica na sua história de significação e sentido de vida no mundo.

A individuação é um tema da ontologia desde a filosofia clássica grega até a filosofia fenomenológica no século XX. Também é tema central do pensamento filosófico de Edith Stein, o qual se encontra em vários de seus escritos, desde sua tese *Sobre el Problema da la Empatía* (1916/2005a) e em especial nas obras *Introducción a la Filosofía* (1931/2005b), *La Estructura de la Persona Humana* (1932/2007a), *Acto y Potencia* (1933/2007b) e em *Ser Finito y Ser Eterno* (1936/2007c).¹

Em Edith Stein, por meio da construção de um modelo filosófico fenomenológico-escolástico, a individuação é pensada como um processo de atualização do ser, o qual continuamente passa do estado de potência (*dynamis/potentia*) para o estado de ato (*energía/acto*) durante o devir da existência. A tomada de consciência desse processo, em termos de ser a realização de uma essência própria, cuja assunção se dá na autenticidade de si mesmo, é o que se expressa como sendo a verdade do próprio ser e sentido da vida humana. Nessa abordagem, para Edith Stein, a cruz, além de símbolo cristão, torna-se também símbolo da individuação.

Este ensaio enseja refletir sobre o conceito, símbolo e experiência da individuação a partir de uma síntese da própria vivência de Stein, como forma prática de ver o processo na constituição do seu ser pessoa, com o objetivo de demonstrar que, como Edith Stein, cada pessoa passa pela realização desse processo, sendo a própria existência a cruz que cada um deve tomar, assumir e levar sobre si.

¹ Usaremos a tradução espanhola das Obras Completas, por serem de mais fácil acesso, utilizando a referência da data de conclusão e/ou sua publicação, seguida da atual publicação e da ordem utilizada.

A individuação como verdade do ser

A ontologia é a área central da filosofia e das ciências, pois seu foco é o *ser*,² desde o ser do universo, ao ser da natureza e ao ser de cada ente no mundo, vivo ou inorgânico. Nosso olhar aqui é sobre o ser do ente humano que a partir da alma se desvela e se mostra a cada dia na constituição e estruturação da pessoa humana. A ontologia é também objeto contemporâneo da fenomenologia, especialmente nos modelos ontológicos de Heidegger e Stein, os quais se tornam referências no século XX. A ontologia é o cerne da metafísica, especialmente aquela a partir da tradição aristotélica e que permeia boa parte do pensamento antigo e medieval.

A individuação, enquanto processo, é o caminho da *entelécheia*³ do ser no tempo histórico e no mundo da vida, como a totalidade da realização deste na experiência existencial até a plena realização de seu fim (*télos*). Stein desenvolve esse conceito com apoio na metafísica escolástica, na tradição aristotélico-tomista, a qual faz a inserção da doutrina do ser enquanto ser no âmbito da Teologia.

Pensamos que o desenrolar desse processo demonstra a verdade de cada ser humano, a qual se desvela inexoravelmente ao longo de sua existência, com a realização das potencialidades de seu ser no ato mesmo da vida, o qual se realiza a cada instante e que se constitui no seu caráter individual.

Duas vias de compreensão do ser humano aparecem paralelas ao longo da história do pensamento sobre o ser: a via filosófica, que o vê como *indivíduo* e *ente*, cujo ser se desvela como mais um dos fenômenos na multiplicidade de seres no mundo; a via teológica, que o vê como *pessoa* e *criatura*, cujo ser possui dignidade especial às demais por possuir consciência de si e se constituir no mundo por meio de relações conscientes com os demais seres da natureza e da sociedade humana.

Para discutir a ideia de uma verdade do ser em potência no ser de cada indivíduo, queremos, inicialmente, tentar aproximar aspectos da ontologia proposta por Heidegger que se dá pelo devir do ser na liberdade de existir, como uma ontologia existencial; e a proposta de Stein, que se dá pela singularidade do ser, como uma ontologia espiritual.⁴

Em Heidegger, a questão da verdade do ser é central em sua ontologia. Na leitura de Jean Grondin (2012, p.42) a ideia da verdade do ser já aparece em 1923 como parte do projeto heideggeriano de constituir um método de interpretação do sentido do ser a partir de seu acontecimento na facticidade, conforme propõe em seu ensaio *Ontologia: hermenêutica da facticidade* (2013). Em Heidegger, interpretar o ser do ente na sua facticidade é a tarefa do discurso da razão (*lógos/logéin*), o qual se dá como uma desocultação do seu sentido e que se torna na verdade do ser (*alethéia*). Portanto, a própria ontologia é concebida como um processo de desocultação da verdade do ser.

² Há vários termos gregos para o *ser* da ontologia: *ón*, ou *tò ón* (“ser”, no sentido arcaico homérico de “ser causal” de tudo, *arché*); *ontós*, ou *tà ontá* (“ente” ou “entes”, sentido pré-socráticos de “ser existente” a partir do Ser causal); *eimí* (sentido filológico do verbo “ser”). A *ontologia*, a que Edith Stein se refere, é atribuída à tradição metafísica aristotélica, que é retomada e desenvolvida na medievalidade por Tomas de Aquino.

³ MORA, José Ferrater (2001, p.208), apresenta *εντελεχεια* (*entelécheia*) como sendo composto de *εν τελος εχον* (*en télos echon*), “que possui perfeição” ou “o que caminha para uma realização perfeita, plena de si”, termo iminentemente filosófico como *atualização*. CHAUÍ, Marilena (2002, p.500), corrobora esta tradução, mostrando seu uso por Aristóteles como “o que faz uma potência ser atualizada; a atualidade completa de um ser; a atualização como realização da finalidade que um ser possui por natureza”.

⁴ Podemos aproximar e confrontar a ideia de verdade do ser da ontologia existencial de Heidegger com a ontologia do espírito de Stein, especialmente em *Ser Finito y Ser Eterno*, na Parte III (*Ser esencial y ser real*), e Cap. VIII (*Significado y fundamento del ser esencial*).

No clássico *Ser e Tempo* (2009), Heidegger coloca a ênfase de sua reflexão ontológica sobre o “dever do *ser-aí* enquanto existência”, no exato instante em que se dá seu acontecimento no tempo. O ser existente é o *Dasein*, traduzido por “ser-aí” e entendido no sentido de “presença”, como um ser (*Sein*) “lançado” (*aí*) no mundo. Na conferência *A essência da verdade* (1973), já na segunda etapa do desenvolvimento de seu pensamento, Heidegger propõe a ideia da verdade do ser como atividade de liberdade do ser-aí, como um abandono ao desvelamento do ente como tal.

A questão do sentido do ser, enquanto desvelamento da verdade própria do ser do ente, conforme expõe Oswaldo Giacóia Jr, em *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar* (2013, p.18-19), torna-se o tema principal da hermenêutica ontológica da existência em Heidegger, de forma a marcar a chamada “reviravolta” (*Kehre*) em sua trajetória filosófica após 1945. Nesta segunda fase de “virada”, o tema da verdade do ser progride para a elaboração de uma “história da verdade do ser”, que acontece com a individuação existencial pela qual passa cada pessoa, como pode ser visto em ensaios como *A superação da metafísica* (2006), *Carta sobre o humanismo* (2005), entre outros. A liberdade caracteriza o sentido do ser na ontologia heideggeriana.

Edith Stein lê e admira Heidegger. Todavia, no ensaio *La filosofía existencial de Martin Heidegger* (1936/2007d, p.1137-1202), editada ao final da obra *Ser Finito y Ser Eterno*, faz uma crítica a sua concepção por ser “estritamente existencial”, com enfoque apenas na “temporalidade” de um ente apenas como um “ser-no-mundo”, e um “ser-para-a-morte”, fechado sobre o niilismo (nada).

A ideia steiniana da verdade do ser⁵ é a compreensão de que uma qualidade há potencial no núcleo da alma (*Kern*), como a *singularidade* que cada pessoa traz, a qual determina o que a pessoa é e deverá ser na realização plena de si mesmo (*Selbst*), não somente como um ser existencial (finito), mas também como ser espiritual (eterno) ligado à verdade divina, conforme a obra de ontologia *Ser Finito y Ser Eterno* (1936).⁶

Nos estudos e atividades acadêmicas do período entre 1923-33, Edith Stein gradualmente foi alterando sua visão do processo de individuação da pessoa humana de uma base de antropologia filosófica para uma antropologia teológica, afastando-se da essência paradigmática da fenomenologia husserliana, ao encontro da essência da metafísica medieval tomista, como de uma ontologia para uma ontoteologia.

Em Stein, conforme Alfieri, a ideia do conhecimento da verdade de si permeia todo seu pensamento, a começar pela busca de conhecimento da essência da pessoa.

A questão da essência da pessoa humana, direcionada a investigar o elemento constitutivo da individualidade, é um dos nós teóricos que Edith Stein retomou e reelaborou desde a sua tese de doutorado, orientada por Husserl e intitulada *O Problema da Empatia*, até a obra *Ser Finito e Ser Eterno*, escrita no final de sua vida. (ALFIERI, 2014, p.16).

⁵ Em alguns de seus textos podemos verificar certa aproximação de Stein a Heidegger, quanto ao aspecto do fenômeno, da verdade do ser como enfoque da ontologia, e que ambos partem da fenomenologia husserliana em direção à compreensão da potência do ser *a priori* ainda por vir a ser (*advir*). É possível identificar um “núcleo” deste tema na obra *La Estructura de la Persona Humana* (1932/2007a) e na discussão de Stein em *Ser essencial e Ser real*, Parte III, § 6-9, de *Ser Finito y Ser Eterno* (1936/2007c).

⁶ Observamos que Ângela Ales Bello (1988) traduz o alemão *Endliches und ewiges Sein* como *Ser finito e Ser eterno*, com a partícula de ligação “e” dando a ideia do o “Ser finito” parecer o ser do Homem, e o “Ser eterno” o Ser divino, interdependentes. Mas, Francesco Alfieri (2014) o traduz por *Ser finito e eterno* dando a entender ambos os modos do “ser” no mesmo “ente”, o qual é tanto finito quanto eterno em si.

No sentido psicológico, o conceito de individuação tem a ver com a compreensão do desenvolvimento da personalidade e do processo de estruturação (*Bildung*) da pessoa no tempo-espaço histórico. No sentido filosófico, implica na compreensão das dimensões objetiva (ontológica) e subjetiva (ôntica) do ser. No sentido antropológico, diz respeito à inserção da pessoa em seu meio social e cultural, bem como na sua determinação, como um processo educativo do sujeito para a vida. Num sentido teológico, Stein aponta para uma ontoteologia ao aproximar-se cada vez mais da concepção ontológica tomista e da teologia trinitária agostiniana.⁷ Por fim, para uma experiência mística, a individuação está ligada à verdade do ser divino, através da cruz.⁸

Nas obras de Edith Stein, o tema da individuação é compreendido, primeiro, por meio de uma filosofia da natureza, na obra *Introducción a la Filosofía* (1931/2005c), em que a apresenta como um processo de “formação-estruturação” da natureza ôntica da pessoa ao longo de um processo de desenvolvimento. Nessa obra, ainda sob influência fenomenológica e concluída já em sua maturidade filosófica, apresenta uma mudança de paradigma⁹ na discussão entre realismo x idealismo e sua ontologia se afasta de Husserl e se aproxima de Tomás de Aquino. Na obra *La Estructura de la Persona Humana* (1932/2007a), seu pensamento, já envolvido sob a influência da metafísica tomista, mostra um manual prático sobre o processo de individuação da pessoa, o qual visa a uma antropologia filosófica que inclua a espiritualidade tanto individual quanto coletiva, com vistas a elaborar um modelo pedagógico para o ensino dos jovens.

Nessa obra, ainda, Stein discute a introdução da visão de homem da metafísica cristã para uma pedagogia humana (Parte II, item I, § 4; item III) que inclua uma visão da alma como forma e como espírito, constituintes da individuação ontológica do ser humano. Nisso, demonstra a necessidade de fazer uma passagem de uma antropologia filosófica para uma antropologia teológica (Parte IX). Essa passagem é desenvolvida paralelamente em estudos como o texto *Que es lo Hombre? La antropología y la doctrina católica de la fe* (1929/2003), em que discute a ligação entre corpo e alma (Parte I) e retoma a concepção teológica da natureza trina do homem em semelhança à natureza trina de Deus (Parte IV), conforme Agostinho expõe no *De Trinitate*.

Em *Acto y Potencia* (1933/2007b), especialmente no Cap. VI, Stein faz uma aproximação do tema ontológico da individuação com o fundamento metafísico aristotélico-tomista do “princípio individuante” (*principium individuationis*), pelo qual a matéria-prima “informe” se transforma ao longo do processo de desenvolvimento. Conceito de verdade, na perspectiva steiniana, então, inclui a possibilidade de conhecimento e recepção da verdade eterna por parte do ser finito, no percurso desse processo de desenvolvimento, uma vez que a própria essência ontológica da individuação manifesta em si uma necessidade pela verdade última, a qual só encontra no ser absoluto. É desta forma que a pessoa humana é um ser finito e eterno em si.

⁷ ALFIERI (2014, II, p.31-62) faz uma boa síntese desta passagem do pensamento final de E. Stein.

⁸ Este aspecto do último pensamento steiniano, já como experiência pura, é introduzido no último ensaio *A Ciência da Cruz* (2013) e traduzido em linguagem simbólica da cruz igual a seus místicos inspiradores.

⁹ Há uma importante discussão entre realismo x idealismo (Parte I, Cap. 3, item 7), onde Stein percebe a exigência e ensaia a mudança de paradigma para a ideia da individuação, ultrapassando a posição fenomenológica. A fenomenologia de Husserl (realista) coloca a individuação sob o paradigma moderno egológico da existência, onde a existência precede a essência; ao contrário, a metafísica de Aquino (idealista), coloca-a sob o paradigma medieval essencialista onde é a essência que precede a existência. A visão fenomenológica da individuação em Stein valoriza o processo como consciência de si.

Síntese epistemológica do conceito de individuação

O tema da individuação talvez seja o conceito central de toda a filosofia e psicologia com vistas a uma antropologia, pois diz respeito ao tornar-se *indivíduo*, em qualquer que seja sua espécie e forma na natureza. Ao tratar da constituição do ser humano como pessoa,¹⁰ a teologia também pode abordar o tema a partir de uma revisão da antropologia bíblica, mas, sobretudo também investigando a vivência atual do ser, através do método fenomenológico buscando interpretar a realidade das crises da espiritualidade do homem desta época no mundo.

Por mais de mil anos da Antiguidade à Idade Média a questão da metafísica era: o que é que individua? Conforme Nicola Abbagnano (2000, p.553-554), esta questão antiga foi retomada na medievalidade por Avicena (980-1037), um dos expoentes da tradição aristotélica arábica. Ele se perguntava: se todo indivíduo parte de uma mesma substância, qual é a força, princípio ou propriedade desta mesma natureza que vem a tornar *este* indivíduo? E aponta que: tudo o que é tem uma substância graças à qual é o que é e graças à qual é a necessidade e o ser daquilo mesmo que é.

De fato, Aristóteles, na *Metafísica*, II, 2, fala que há um “princípio” presente na matéria que individua: “Porém todo ser se diz ordenado a um só *princípio*. [...]. Por conseguinte, se isso é a substância (*ousía*), o filósofo terá que conhecer os princípios (*arkais*) e as causas (*aítias*)”. Depois, na obra *De Anima*, II, 415b7-14, afirma que é a “alma” (*psychê*) o *princípio* da individuação: “A alma é a causa e o princípio do corpo que vive. [...] Pois, para todas as coisas, a causa de ser é a substância, e o ser para os que vivem é o viver, e disto a alma é causa e princípio”.

Tomás de Aquino (1224-74), retomando a tradição aristotélica e a questão formulada por Avicena, traduz o “princípio motor” aristotélico da forma na matéria (*eidós*), pela noção de *principium individuationis*, ou a potência causal que produz a diferenciação na “matéria signata” (enformada), já existente na substância essencial do ser de cada ente existente, como *aquilo que torna o individual*.¹¹

Gilbert Simondon, pensador francês contemporâneo, critica a forma como a individuação foi pensada desde os gregos, a partir de um princípio e através de duas vias paralelas, de um substancialismo (atomista) e um hilemorfismo (aristotélico).

Existem duas vias segundo as quais a realidade do ser como indivíduo pode ser abordada: uma via substancialista, considerando o ser como consistindo em sua unidade, dado a si mesmo; uma vida hilemórfica, considerando o indivíduo como engendrado pelo encontro de uma forma e uma matéria. [...] Mas há algo de comum nessas duas maneiras de abordar a realidade do indivíduo: ambas supõem que existe um princípio de individuação anterior à própria individuação, suscetível de explicá-la, de produzi-la, de conduzi-la (SIMONDON, 1958, p.1).

¹⁰ O conceito de pessoa é iminentemente um conceito cristão, germinal já em Agostinho (554-430), como em sua *Da Trindade* (1994), onde aponta para uma natureza trinitária no ser humano como criatura de um Deus trino; mas que é formulada por Boécio (480-524), quando em seus *Escritos (Opuscula Sacra*, 2005) transpõe a exegese do termo grego *hypóstasis* (subsistente) definitivamente para o latim *persona* (pessoa).

¹¹ A individuação torna-se tema da filosofia medieval a partir do aristotélico Alberto Magno (1206-80), mestre de Tomás de Aquino. Este, em *O Ente e a Essência* (2008) sintetiza o conceito ontológico da metafísica aristotélica para uma abordagem cristã da constituição do indivíduo. Em Aquino (2008, p.9-10), o *principium individuationis* é a *quantitate matéria signata*, ou, a “quantidade ordenada da matéria” (*hylémorphe*); ou seja, o ser individual começa no instante em que há uma quantidade material fechada.

No pensamento grego o termo “indivíduo” pode ser tomado no sentido de uma unidade integral daquilo que não é divisível e que é idêntico de si mesmo (*átomon*), como o “indivisível, uno, in-dividuo”, tal como pensam os atomistas e epicuristas. Mas também é pensado num sentido substancial, conforme a tradição aristotélica, de uma matéria (*hylé*) sob uma forma (*morphê*) que se constitui num ente individual (*hypóstasis*), e o qual se ordena a si mesmo ao longo da existência.

A tradição aristotélica toma a individuação como noção central da metafísica, para a qual apontam as diversas ciências que abordam seu processo, como a física, a biologia, a psicologia, a antropologia e outras. Diz respeito ao processo de diferenciação pelo qual passa todo ente, a partir de uma substância comum ou universal (*essentia*), vindo a constituir-se num indivíduo, cuja natureza nasce e retorna à substância comum.

Mas a questão da diferenciação do ser do ente individual desperta o interesse da reflexão desde a tradição atomista pré-socrática, enquanto processo de determinação do ente em uma forma corpórea. Anaximandro de Mileto (610-540 aC) estabelece o *ápeiron* (ilimitado, indeterminado) como sendo o princípio que dá início à individualidade de toda multiplicidade daquilo que é ente ou *péras* (limitado, determinado). Assim, todo ente existente é um ilimitado encerrado na forma corpórea.

A tradição platônica pensou a essência do ser no sentido de estruturas originais invisíveis (*eidós/idéia*), permanentemente existentes no mundo das ideias, das quais os entes existentes no mundo sensível (*aisthésis*) são apenas objetos-cópias. Portanto, os entes em individuação são simulacros sob a vigência destas idéias-arquétipos (*eidós*).

Em Aristóteles a *ideia* ou *forma* (*eidós*) é pensada em termos de “o que cada coisa já sempre foi, um ser tendo sido” (*tò tí ên einai*), parte central de sua metafísica, que a filosofia escolástica traduziu por *essentia*. O ser universal substancial das coisas (*òn/einai*), tem em si um *principium* causal (*aítia*) que causa outro e assim *ad aeternum*.

Após Santo Agostinho (354-430), a noção cristã de *pessoa*, em substituição à noção grega de *indivíduo*, ganha destaque pelo trabalho exegético de Boécio (480-524), à entrada da Idade Média. Boécio (2005, p.77) diz que a noção do indivíduo deve ser compreendida pelo conceito de Natureza na metafísica aristotélica, como substância e acidente, ato e potência. Aquilo que os gregos chamam “substância individual de natureza racional” (*hypóstasis*), os latinos chamam “pessoa” (*persona*), um ser “de natureza racional” que tem “subsistência individual”, que “subsiste” (*hypóthestai*) por sua própria “substância” (*ousía*), isto é, um ser autosubsistente, em alma e corpo, uma vez que a alma não pode se individuar senão num corpo como matéria-limite.

Esta é a concepção a que chega Tomás de Aquino, de que a individuação é dada pela *matéria* no *corpo* potencializada pela *alma*, à medida que essa se estabelece. Aquino pensa a individuação, segundo Paulo Faitanin (2005, p.78), num duplo aspecto: um *início* na eclosão do corpo, e uma *continuidade* através do desenvolvimento da alma; processo que culmina no pleno desenvolvimento da *personalidade*, cuja atualização é dirigida pela unidade do intelecto. Em Aquino, “o corpo é o princípio de individuação da alma humana, porém destaca que a alma só depende do corpo para *começar a existir individualmente*, mas não para *subsistir individualmente* separada dele” (FAINTANIN, 2003, p.170). Conforme este autor (2003, p.174), a partir da metafísica de Aquino desenvolve-se a noção de personalidade e de subjetividade na questão da individuação, fundamentais na ontologia moderna: “A pessoa é o todo substancial, ou seja, a substância – que resulta da composição do corpo e alma”.

Após Aquino, do final da escolástica ao início da modernidade, o foco da ontologia da individuação se desloca para a subjetividade (*subiectum*) do “eu” e surge o conceito de “sujeito”, no grande axioma de René Descartes (1596-1650): *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo); pois, *eu* “existo”, porque “sou um eu pensante”.

Como já foi dito, em Edith Stein os fundamentos da ontologia da individuação fazem conexão entre a fenomenologia husserliana e a metafísica escolástica aristotélico-tomista. É um tema que percorre várias de suas obras de relevo. Desde o início o objeto de estudos visado por Edith Stein foi o mundo subjetivo da pessoa humana, buscando através da relação intersubjetiva conhecer a essência do indivíduo. Recebe a influência das preleções do mestre Edmund Husserl sobre o clássico problema da “separação” e da “participação” entre sujeito e mundo, entre “Natureza e espírito”, questão posta deste Platão, mas cuja fissura se aprofundou a partir de Descartes e Kant. É sobre esse tema que fala em sua tese doutoral *Sobre o problema da empatia* (1916).

Os primeiros textos de Stein têm a tônica da ontologia fenomenológica husserliana. Através do método fenomenológico estuda a estrutura ôntica do indivíduo humano partindo do Eu – centro ordenador da consciência, e chegar ao *núcleo (Kern)* da personalidade, ponto central de sua ontologia, desenvolvido deste a tese e por todas as demais obras sobre o tema. A ideia de um núcleo como centro espiritual da personalidade, o qual orienta todo o processo do desenvolvimento, é um ponto relevante do conceito steiniano da individuação, que destaca a singularidade da pessoa.

O processo da individuação se desenvolve, portanto, a partir do núcleo da pessoa, e é orientado na totalidade da consciência do indivíduo através do eu puro. Como foi afirmado, é uma potência do ser que vem do “centro” da alma (*Kern*), que é o núcleo espiritual do ser. O ser da pessoa humana é constituído de corpo, alma e espírito. O conceito de espírito é o diferencial na concepção steiniana da individuação, influência que recebe da metafísica cristã escolástica, especialmente tomista. A “alma” (*anima*), potência que anima o corpo, através de seu núcleo (*Kern* ou “alma da alma”), orienta a individuação como um processo espiritual, como uma totalidade do modo de ser que também o remete a Deus. A partir do contato com a teologia tomista, Stein passa a pensar a pessoa humana como um ser em busca de Deus, que só nele se completa.

Esta fundamentação ontológica desloca a individuação de uma filosofia antropocêntrica, da fenomenologia husserliana, para uma filosofia teocêntrica, conforme a metafísica cristã. Seu encontro com a metafísica cristã se dá primeiro pela leitura de obras de Tomás de Aquino e mais tarde de obras de Santo Agostinho e Duns Escoto, fundamentos advindos após sua experiência de conversão cristã em 1921. É no contexto da experiência da fé cristã que Stein passa a investigar o conceito de individuação, valorizando a dimensão do espírito como a totalidade da consciência.

Edith Stein, portanto, articula a ideia da individuação entre a consciência na fenomenologia e o espírito na metafísica cristã. Ela investiga a estrutura do ser a partir de sua fonte externa (ontológica), na natureza espaço-temporal do vir-a-ser dos entes, que é marca da tradição clássica antiga e medieval, mas também a estrutura interna (ôntica) desta natureza consciente e espiritual na qual se realiza o ser em si mesmo. Assim, em Stein, a constituição do indivíduo não é nunca uma unidade ou totalidade acabada em si, porém algo sempre sendo construído em duas dimensões: *natureza* e *espírito*, tal como havia ouvido inicialmente no seminário de Husserl e que certamente a guiou até o fim de seus estudos. Portanto, não só uma consideração espaço-temporal (natureza), mas também transcendente (espírito) do ser.

Síntese histórica da experiência de individuação de Edith Stein.

Pensamos ser possível demonstrar a individuação como processo revisando momentos da experiência existencial de Edith Stein, no intuito de apontar uma fenomenologia da significação de fatos nesta rica e intensa *vita brevis*.

Há que se acentuar que o tal ser-consciente-de-si-mesmo existe unicamente para a alma, na qual temos reconhecido o centro e a singularidade da pessoa empírica que vive nela. Para a psique e para suas qualidades – também para aquelas que têm seu fundamento na singularidade pessoal: o caráter – não existe possibilidade alguma de semelhante captação; para elas é necessária sempre uma objetivação do vivencial (STEIN, 1931/2005c, p.854).

Um primeiro momento da individuação de Edith Stein pode ser visto na importância da família e estudos para a formação de sua personalidade. Edith Theresa Hedwig Stein nasceu em Breslau na Alemanha, no dia 12 de outubro de 1891, no dia do Yom Kippur, maior festa do calendário judaico, caçula entre onze filhos. Stein se fundamenta na família e na identificação com a mãe, à qual se volta ao final da vida em sua autobiografia como meio de compreender a si mesma. No prefácio de sua *História de uma família judia e outros textos autobiográficos* (1939/2018) apresenta seus relatos como a história da própria mãe, como se se redimisse da discordância e distanciamento que tomou dela em função da opção de fé e apesar do apego de alma.

Desde o ingresso na universidade em 1911, Edith Stein experimenta na liberdade acadêmica uma crescente inquietação pela verdade. A verdade se torna sua busca de vida e tema de pesquisa, de modo que ela é considerada a filósofa da busca da verdade. Ales Bello diz que seu contato com a filosofia, ao encontrar-se com Husserl em Göttingen, aguça sua paixão pela verdade (ALES BELLO, 2014, p.31).

Ales Bello (2014, p.31), citando a Autobiografia, destaca que este primeiro momento de busca pela verdade produz certo embate entre racionalidade e religião: “Os limites dos preconceitos racionalistas, nos quais eu havia crescido sem saber, caíram, e o mundo da fé despontou improvisadamente diante de mim”.

Um segundo momento na sua individuação certamente é o encontro com a fenomenologia, que se dá entre 1913-1916 em Göttinga, quando entra para o curso de filosofia e conhece o mestre Edmund Husserl, e que se estende depois com participações no círculo de estudos de fenomenologia até 1922, ano de sua conversão. A fenomenologia, novidade filosófica do século XX, fornece-lhe fundamento e método para sua indagação maior sobre a verdade. Husserl via o indivíduo não só sujeito (*subiectum*), mas também um ser para outrem (*objectum*), relação que se traduz em “atos do sujeito” para o outro e o mundo. Husserl não desconsidera o mundo externo em favor da primazia do mundo interno do sujeito como em Descartes e Kant.

Ângela Ales Bello (2010, p.6) afirma que o método fenomenológico trouxe uma abrangência maior de possibilidades de pesquisas à Edith Stein, principalmente sobre as questões da percepção do sujeito humano. O método fenomenológico dá esta condição porque coloca toda a percepção da consciência na “experiência do vivido” (*Erlebnisse*). O entusiasmo de Edith Stein pela nova descoberta a leva a participar do grupo de estudos de filosofia em torno da fenomenologia, onde conhece vários filósofos cristãos, como Max Scheler, que também era católico, Adolph Reinach e Hedwig Conrad-

Martius, que eram protestantes, entre outros. Seu interesse era conhecer a essência da pessoa, mas o método fenomenológico se aplicaria à pesquisa de tal tema?

Um terceiro momento de individuação pode ser vista então nesta pesquisa que se segue à sua tese sobre a empatia e na experiência empática de autodoação, entre os anos 1915-17. No meio de sua pesquisa, interrompe seus estudos e se oferece como voluntária no Hospital Militar da Cruz Vermelha, na Áustria, entre 1915-16, durante a Primeira Guerra, onde serve por meses como enfermeira de centenas de feridos de guerra. Apesar de sua característica timidez, este exercício de autodoação lhe proporciona uma vivência de *empatia*, pela possibilidade de encontro com o outro no âmbito da dor e do amor de compaixão. Na observação de José Pedra (1998, p.17), a própria Edith Stein a tal experiência: “Pessoas voluntárias, em tais lugares de dor permanente, podiam encontrar um amplo campo para exercer o amor ao próximo”.

A experiência empática de compaixão despertou-lhe o amor escondido no coração por baixo da crítica racional. A questão da *intropatia*, tal como Husserl a tinha proposto, parecia-lhe a chave de interpretação da pessoa humana. Ao voltar da Guerra retoma sua tese de doutorado e a defende *Cum Laude* em 1916. *Sobre o Problema da Empatia* investiga a experiência do “ato empático” como “intencionalidade da consciência” no conhecimento do outro, tema que levava muito dentro do coração.

Um quarto momento na individuação de Edith Stein pode ser visto em sua conversão ao cristianismo. Após retornar à universidade e defender sua tese em julho de 1916, Stein continuou como assistente de Husserl e participante de seu grupo de intelectuais estudiosos no círculo fenomenológico. Um destes assistentes, amigo de Edith, o filósofo protestante Adolf Reinach, ao final de 1917 foi vitimado pela Guerra. É chamada, então, a organizar os escritos do filósofo falecido, e nesta oportunidade trava conhecimento sobre a fé em Cristo de sua viúva, Anna: “Foi esse meu primeiro encontro com a Cruz, minha primeira experiência da força divina que da cruz emana e se comunica aos que a abraçam” (PEDRA, 1998, p.25).

A inquietação do espírito investigativo encontra consolo na luz da fé. Em 1919, libera-se do mestre Husserl e volta de Freiburg à casa de fazenda do casal de amigos Conrad-Martius, em Bergzaben, onde se reúne um círculo de filósofos cristãos. Numa noite de insônia de 1921, ao ler na biblioteca um livro sobre a *Vida de Santa Tereza d’Ávila*, tem súbita intuição de descoberta da verdade (SCIARDINI, 1999, p.21).

A experiência de conversão muda os rumos da trajetória da vida e pensamento de Edith Stein. Ela diz que: “Desde que no verão de 1921 caiu em minhas mãos a “Vida” de nossa Santa Teresa, pôs fim a minha larga busca da verdadeira fé” (STEIN, 1939/2018, p.543). Mais tarde, após esta experiência interior: “Chega o momento em que afinal se realiza aquilo que era tão esperado e almejado: de repente, inesperadamente, a alma peregrina encontra o olhar dos divinos olhos” (STEIN, 2013, p.196). José Pedra (1998, p.32) relata que consta no livro da igreja local de Bergzaben o registro feito pelo pároco Eugênio Breitlig: “Em primeiro de janeiro do ano do Senhor de 1922, Edith Stein, de trinta anos de idade, doutora em filosofia, foi batizada”.

Um quinto momento de individuação pode ser visto no período que vai de 1922-1933, como encontro com a metafísica cristã, após sua conversão, ao ingressar no movimento de intelectuais católicos no círculo tomista do mosteiro de Beuron. Este é um fértil período de academicismo, onde pelas aulas ministradas passa a aproximar as ciências naturais da psicologia e pedagogia à ciência do espírito, e à teologia.

Neste período Stein se dedica ao conhecimento da individuação e da estrutura da pessoa humana: “Um dos temas centrais da filosofia de E. Stein é o da pessoa e, inclusive, poderíamos afirmar, que há um Personalismo Steiniano. Ela concebe uma estrutura ôntica da pessoa. Os conceitos de ‘indivíduo’ e ‘individualidade’ fazem referência aos distintos aspectos desta estrutura” (FAITANIN, 2003, p.174).

Aproximar a fenomenologia de Husserl à metafísica de Aquino é um feito inédito de Edith Stein. Em 1929 publica no jornal de fenomenologia o artigo “*Que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino*”, que causa impacto no círculo de Husserl e no meio filosófico e teológico. Segundo Faitanin (2003, p.175): “A fascinação de saber como o “eu” percebe o mundo fenomênico lhe fez assentar o interesse sobre a *estrutura da consciência e o modo como esta estrutura da consciência percebe intencionalmente o noumenon* ao lidar com o *fenômeno*”.

Um sexto momento de individuação pode ser considerada ainda na sua experiência de amor, quando do ingresso no trabalho de educação pedagógica, entre 1923-1934, um período de “educação em amor” tanto aos outros e como de si mesma, até sua rejeição na escola por ser judia, fato que a leva a dar entrada como freira carmelita no mosteiro do Carmelo de Colônia, em 15 de abril de 1934. Segundo Clélia Peretti (2010), na experiência empática do exercício educativo em pedagogia, psicologia e teologia, Stein descobre as relações entre a *espiritualidade* e a *alteridade*, construída na relação com uma nova perspectiva de revalorização do outro (*altro*), que se dá através da vida comunitária, em termos de relações não mais “*egológica*”, mas “*altrológica*” com valorização da pessoa do outro.

Como sétimo e último momento na individuação de Edith Stein, destacamos, finalmente, o ápice do tornar-se si mesmo em espírito, que se dá na parte final de sua vida, em clausura no Mosteiro do Monte Carmelo em Colônia, como preparo ao desafio final de holocausto na crueldade do nazismo em Auschwitz Birkenau em 1942.

Em sua experiência mística, Stein escreve sobre o tema da espiritualidade. Sua última obra *A Ciência da Cruz* (2013) é uma abordagem teológica sob a tentativa inédita de abordar pelo método fenomenológico a *questão da mística*, como uma via possível a todos os que desejam o apuro da individuação no espírito. Para Ales Bello (1998, p.318-320) Stein se utiliza da arte como via simbólica mais adequada para interpretar as profundezas da alma, como a poesia de São João da Cruz, as crônicas, a lírica da liturgia e as contemplações de Tereza de Ávila. A *cruz* se torna então a imagem *símbolo* de sua individuação, tal como a experimentara São João da Cruz e Teresa de Ávila: “...a vida mística nada mais é do que o desenvolvimento das três virtudes teológicas – ou seja todos os cristãos são chamados ao essencial, à união com Deus. E isto não é extraordinário” (STEIN, 2013, p.320).

Por toda a vida Edith Stein buscou a *verdade*: “Assim, busco chegar-me ao altar de Deus. Aqui não está em questão eu e minhas preocupações extremamente pequenas, mas o grande sacrifício da reconciliação” (STEIN, 2012, p.113).

Em 09 de agosto de 1942, a irmã Teresa Benedita da Cruz, conforme Edith Stein era nomeada como irmã carmelita, morreu em Auschwitz. Por seu heroísmo cristão, no dia 11 de outubro de 1998, foi canonizada pelo Papa João Paulo II, sob o nome de Santa Teresa Benedita da Cruz.

O simbolismo da cruz no processo de individuação

Na obra *La Estructura de la Persona Humana* (1932/2007a, p.224), Stein apresenta o *símbolo da cruz*¹² como síntese simbólica da individuação, que toda pessoa, a exemplo de Cristo, deve tomar sobre si: “O objetivo último do homem é a vida eterna. A humanidade pecadora tem recuperado a possibilidade de obter a vida eterna graças a morte de Cristo na cruz. Cada homem deve fazer seu pessoalmente o fruto da Redenção com seu livre agir”.

Sabemos que a linguagem da alma é essencialmente simbólica, poética, para ser mais preciso. E, se a individuação é o processo integral mesmo do tornar-se pessoa, então cada alma expressa em sua forma seu próprio simbolismo. Para Edith Stein era a cruz, como para São João da Cruz. A cruz é símbolo universal, é o símbolo máximo cristão e um arquétipo universal de *morte* e *salvação* em Cristo.

Pensamos que a *cruz*, como símbolo universal de morte e vida, é a simbólica da individuação, num sentido tanto estrito do fiel que assume a fé cristã, quanto coletivo de cada pessoa que aceita sua própria condição existencial. Aqui queremos apresentar textos bíblicos fundamentais à ideia, que também foram citados por Stein.¹³

Neste ponto, sob uma leitura hermenêutica fenomenológica, e num sentido universal do símbolo, podemos entender o significado do princípio coletivo da individuação, conforme exposto por Cristo, em Lucas 9,24: “Pois aquele que quiser salvar a sua vida vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, esse a salvará” (Mt 10,39; Lc 17,33; Jo 12,25). O referido texto está colocado sob um contexto imediato de predição da *morte* (Lc 9,18-22), e posterior de *transformação* (Lc 9,28-36).

Num sentido individual do símbolo, podemos ver o significado pessoal deste, em Lucas 9,23: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome cada dia a sua cruz e siga-me”. O peso desta transformação é posto sobre a alma, pois: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8,36).

Assim, se a cruz é símbolo universal da existência mesma, logo “tomar *cada dia* sobre si a *sua* cruz” significa assumir plenamente o sentido de *sua* individuação. Pois o termo grego *arátō*, com o significado de “tomar, levar”, tem o sentido de *assumir*; e o objeto desta “assunção”, o *stauròn*, não é “cruz” diretamente, mas seu símbolo de “sofrimento e morte”,¹⁴ no sentido de uma *condição*; e, sobretudo, que esta simbólica de cruz é *heauton*, ou seja, “seu, sua”, no sentido de uma *páthos* própria, pessoal. É o que Paulo, o grande doutrinador cristão, desenvolve como princípio da ética cristã.

Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo. Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. (...) Os judeus pedem sinais, e

¹² Deste ponto apontamos para a última parte desta tentativa de ensaio que é abordar a *cruz* como *símbolo universal máximo* da individuação, conforme Cristo diz: “tome cada um a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34), aspecto que será trabalhado por Edith Stein em seu *A Ciência da Cruz* (2013) como experiência mística.

¹³ Em *Ciência da Cruz* (2013), Edith Stein faz uma análise da simbólica da cruz na individuação, na I Parte, conceituando a “mensagem da cruz” e na II Parte a “doutrina da cruz” em São João da Cruz.

¹⁴ Seguindo neste termo a indicação de GINGRICH, F. Wilbur & DANKER, Frederik W. no seu *Léxico do NT grego/português*; SP: Vida Nova, 1986, p.192. Bem como indicações da *Chave Linguística do NT Grego*, de RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon; SP: Vida Nova, 1988, p.122-123.

os gregos buscam sabedoria; nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas aos que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (1 Cor 1,17-18; 22-24).

De fato, pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo. Não vivo mais eu, mas é Cristo que vive em mim (Gl 2,19-20; 6,14).

Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito (Gl 5,24).

De forma sintética, com base em sua autobiografia¹⁵ podemos entender que Edith Stein avança em três níveis na assunção de sua *cruz* na individuação: 1º) *A aceitação da fé e Ordem Carmelita*, sobre a qual Stein dá testemunho de que foi um pensamento nunca a havia abandonado e de que foi, sobretudo, uma decisão consciente; 2º) *A situação de Guerra na Europa*, momento em que Edith afirma em Carta a recusa de um convite para uma missão na América do Sul por não querer abandonar seu povo; 3º) *A dor de seu povo judeu*, onde fala enfaticamente sobre o impacto que lhe causava a tragédia por que passava seu povo sob a perseguição nazista pelo qual oferece sua fé.

Na *Ciência da Cruz*, Stein (2013, p.12-13) toma o exemplo dado pelos santos - “objetividade dos santos”, aquela “receptividade interna e primária da alma, renascida pelo Espírito Santo”, pela qual “todas as demais coisas perdem importância”; “As energias da alma, ao se aproximarem das verdades de Fé, chegam à *ciência dos santos*. E o mistério da cruz, ao tornar-se forma interior, converte-se em *ciência da cruz*”.

Ao significado simbólico evangélico da cruz, Edith Stein (2013, p.19) finalmente afirma: “O próprio Divino Salvador referiu-se à cruz em várias ocasiões e de diversas maneiras... refere-se a tomar sobre si a cruz como símbolo de tudo quanto é pesado, humilhante e contrário à natureza que equivale a caminhar para a morte”.

Considerações finais

Uma vez tendo este ensaio partido da questão da verdade do ser, como cerne da ontologia de Edith Stein, percebeu-se nesta o resistente “fio de prata” que prende todo o edifício de sua vida e obra. Depois, postos os principais pontos do conceito e percorridos os grandes momentos de experiência existencial da autora, aportou-se, numa breve demonstração, a viabilidade de pensar a individuação também do ponto de vista de sua significação simbólica.

Percebemos, assim, a título de análise sobre sua vida e na medida em que se percebe o exemplo de Edith Stein em viver sua própria cruz, o modo espiritual como se coloca aqui a questão da individuação. A partir disto, propõem-se outras questões à reflexão de todo processo de individuação pessoal: em que medida a cruz é uma configuração própria da existência de cada pessoa? E assim: em

¹⁵ Podemos ver esta síntese a partir do relato que Stein faz em *Como cheguei ao Carmelo de Colônia*, anexo aos escritos autobiográficos (1938/2018, p.535-561).

que sentido “tomar a sua cruz” como existência é caminho para a morte? Ainda: a cruz de Cristo que tomamos sobre nós deve ter o sentido de “*Imitatio Cristi*”?

Como dissemos, por enquanto só podem ser postas como ovas proposições à reflexão. Entretanto, sobre a tese da cruz como verdade do ser, uma vez aproximadas as ontologias de Stein e Heidegger, duas tendências possíveis podemos ainda observar: uma visão sagrada de aceitação da existência como símbolo de uma missão de vida no mundo, como fez Stein; ou, uma visão apenas existencialista da aceitação concreta da vida fática como total liberdade do ser que caminha para a morte, como em Heidegger.

A ideia de que a cruz seja uma representação/configuração própria de cada pessoa sobre o sentido de sua existência pode ser confrontada também a partir da concepção kantiana de que todo o conhecimento passa pela experiência e é em última instância uma construção própria do sujeito, como um modo próprio de configuração.

Nesse sentido, podemos pensar que uma representação sagrada da individuação tende a um destino determinado pela consciência, significando todos os acontecimentos da vida cotidiana como direção da inexorável “vontade divina”, verdade última do espírito, que deve ser aceita com convicção e inteireza de que esta é o melhor caminho.

Noutro sentido, uma visão existencialista da individuação, pela apropriação autorreferente pela pura liberdade de ser, deixa o homem *só e por si* para determinar o próprio sentido da existência em meio ao vazio do niilismo.

De qualquer maneira, a questão da individuação aqui posta à reflexão diz respeito a própria vida que todos vivemos neste mundo, de um modo ou de outro.

Referências

ABAGGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. SP: Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO, de Hipona. *Da trindade*. SP: Paulus, 1994.

ALES BELLO, Ângela. *A questão do sujeito: Edmund Husserl e Edith Stein*. *Revista Eletrônica Anais IV SIPEQ – ISBN – 978.85.98623.04-7*. São Paulo: Unesp, 2010. Disponível em: www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/index.html. Acesso em: 10 set. 2014.

ALES BELLO, Ângela. *Edith Stein: filosofia e cristianismo*. In: *Deus na Filosofia do Séc XX*. SP: Loyola, 1998.

ALES BELLO, Ângela. *A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014.

ALFIERI, F. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*. SP: Perspectiva, 2014.

ANAXIMANDRO. *Pré-socráticos. Pensadores*. 2.ed. SP: Abril Cultural, 1978.

AQUINO, São Tomás de. *O Ente e a Essência*. Covilhã/Portugal: LusoSofia, 2008.

ARISTÓTELES. *Metafísica. Os Pensadores*. 2.ed. SP: Abril Cultural, 1973.

ARISTÓTELES. *De Anima*. SP: Editora 34, 2006.

BOÉCIO. *Escritos (Opuscula Sacra)*. SP: Martins Fontes, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2.ed. SP: Companhia das Letras, 2002. Vol 1.

FAITANIN, Paulo. *A Querela da Individuação na Escolástica*. *Revista Net Aquinate*, Nº 1, 2005. Disponível: www.aquinate.net/revista/edicao_atual/Artigos/05. Acesso em: 08 dez. 2014.

FAITANIN, Paulo. *A individuação da pessoa em Edith Stein: o legado de Husserl e de Tomás de Aquino*. *Revista Coletânea*, Ano II, Nº 4, 2003. Mosteiro S. Bento, RJ.

GIACÓIA Jr, Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a novo pensar*. SP: Três Estrelas, 2013.

GINGRICH, F. Wilbur & DANKER, Frederik W. *Léxico do NT grego/português*. SP: Vida Nova, 1986.

GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. SP: Parábola Editorial, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: Hermenêutica da Faticidade*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da verdade*. *Pensadores*. SP: Abril Cultural, 1973.

HEIDEGGER, Martin. *A Sentença de Anaximandro*. *Pensadores*. SP: Abril Cultural, 1978.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. SP: Centauro, 2005.

PEDRA, José A. *Edith Stein: uma santa em Auschwitz*. Curitiba: Rosário, 1998.

PERETTI, Clélia. *A Pedagogia da Empatia e o Diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*. *Revista de Abordagem Gestáltica – XVI (2): 199-207, Jul-Dez, 2010*. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809...script=sci_arttex. Acesso em: 20 ago. 2014.

RIENECKER, F. & ROGERS, C. *Chave Linguística do NT Grego*. SP: Vida Nova, 1988.

SCIARDINI, Patrício. *Edith Stein*. SP: Loyola, 1999.

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. Disponível: https://cteme.files.wordpress.com/.../simondon_1958. Acesso em: 21 maio 2014.

STEIN, Edith. *O que é filosofia? Um diálogo entre Edmundo Husserl e Tomás de Aquino (1929)*. Scintilla. *Revista de Filosofia e Mística Medieval*. ISSN 1806-6526 – Curitiba: Scintilla, vol. 2, n. 2, p. 207-364, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.saoboaventura.edu.br/galeria/getImage/45/pdf>. Acesso em: 08 dez. 2014.

STEIN, Edith. *Que es lo Hombre: la antropología y la douctrina católica de la fe*. OC I. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2003.

STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía (1916)*. OC II. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2005a.

STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía (1931)*. OC II. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2005b.

STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana (1932)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007a.

STEIN, Edith. *Acto y potencia: estúdios sobre una filosofía del ser (1933-1934)*. OC III. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2007b.

STEIN, Edith. *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser (1936)*. OC III. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2007c.

STEIN, Edith. *La filosofía existencial de Martín Heidegger (1936)*. OC III. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, 2007d.

STEIN, Edith *Teu coração deseja mais: reflexões e orações*. Petrópolis: Vozes, 2012.

STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. SP: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. 7. ed. SP: Loyola, 2013.

Recebido em 12/11/2018

Aceito em 16/07/2019

Received 11/12/2018

Approved 07/16/2019